

JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

III



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

Posfácios de SEBASTIANA FADDA
e de JOSÉ MASCARENHAS

III

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

O TEATRO É COMO AS CEREJAS

Começou assim: Primeiro, inconsciente como sou, não me apercebi da embrulhada em que me metia. Solicitava-me ele no sentido de ir assistindo ao nascimento e crescimento de uma peça de teatro. Ele é só (!!) «O mais fecundo dramaturgo português vivo». Cito Manuel João Gomes, in *Público*, 14/3/99.

[...]

Numa primeira fase pensei que para dar conta do processo, o melhor era escrever um diário. Aqui vai o que começou por ser o diário das conversas com o Jaime. É um diário sem datas porque me esqueci de anotar os dias. É, portanto, um diário sem tempo. Ao contrário (sê-lo-á?) da peça.

[...]

A certa altura desisti do diário. Já se misturavam os dias sem datas e os papéis das notas; baralhados estavam os tempos e as palavras na minha cabeça. Decidi não resistir mais e misturar tudo: o material tem sempre razão e ao bom estilo de mestiçagem do Jaime escrevi o que se segue e que não é nem uma introdução, nem um prefácio, nem um relato, nem um ensaio, nem um comentário (talvez sejam vários comentários, como cerejas).

[...]

mas um texto sem identidade, uma espécie de convívio continuado ao longo de um processo de criação, que aqui apresento sob a forma de discurso escrito da testemunha de um drama. Sabendo que, como espectadora desse drama, eu, como o Luiz, o «espectador» da peça, não temos um estatuto normal. Ele não é um espectador qualquer, eu não sou, para este texto de cujo percurso vou falar, uma leitora comum.

[...]

Vejo *Uma Questão de Tempo* como uma peça em espelho, quer dizer, um texto teatral sobre o teatro, ou antes, sobre o nascimento e o crescimento de um texto/espectáculo.

[...]

Trata-se de metateatro, com uma estrutura em que o teatro dentro do teatro dentro do teatro poderia desdobrar-se até ao infinito...

[...]

se não fosse... o tempo.

O espectador vai sendo progressivamente envolvido num processo de génese teatral através de um tom entre o divertido e o reflexivo: Os actores em palco representam-se a si próprios, contam histórias de suas vidas representam uma antiga peça do autor.

[...]

dialogam com ele, tanto se lhe oferecem como se recusam, arranjam e alteram cenários e adereços.

[...]

Irene, Elisa e Rafael, actores, e Artur (dramaturgo?, encenador?), são trazidos a palco para criar, ensaiar, encenar, problematizar, sofrer e amar um espectáculo que ainda não existe mas que, sem se darem conta, ou talvez não, vai sendo construído.

[...]

Os ingredientes são a amizade e as rivalidades, as mágoas e as recordações, antigos textos sempre actuais, a infância, os medos, o amor, a doença, a vida. E, «last but not least», o... tempo. O tempo e o seu oposto, o não-tempo, o tempo e a sua interrogação, a incerteza e a procura do conhecimento.

[...]

O espelho está presente, como já se disse, em abismo, porque as palavras dentro do palco vão-se sucedendo, os actores são dramaturgos e o dramaturgo é actor, os encenadores são todos, os textos multiplicam-se e projectam-se quer no futuro quer no passado.

[...]

O tom do texto pretende ser leve e levemente se fala de coisas sérias; os momentos líricos alternam com outros mais dramáticos, com o humor e por vezes mesmo com o *nonsense*.

[...]

Muitas vezes verbaliza-se, embora não explicitamente, uma arte dramática, ou uma espécie de poética do texto dramático.

[...]

E entende-se liminarmente que se trata apenas de uma das possíveis artes dramáticas, não exclusiva, nem exaustiva.

A angústia é filtrada pelo sentido de que «o espectáculo tem que continuar», e o final, feliz ou não (compete ao espectador decidir), é celebrado com champagne. Seja qual for o motivo, propõe-se que há sempre uma razão para celebrar: a vida, o teatro, a superação da angústia pela criação e pelo humor.

[...]

Esta peça é uma forma de celebração do teatro, da transcendência da dor pela arte, pelo humor e pelo *nonsense*.

Regressando ao princípio, que o mesmo é dizer, ao verbo, isto é, ao teatro da criação, começaria por falar desta peça pelo que julgo que ela, pelo menos exclusivamente, não é; ou seja, teatro dentro do teatro. Pelo menos, não creio que seja essencialmente isso. Essa será, talvez, a sua faceta menor. E digo-o, porque desconfio que essa poderá ser uma das tentações mais imediatas.

[...]

Se não é teatro dentro do teatro, o que é então? Eu diria [...] que se trata de uma peça que descreve e reproduz o seu próprio processo de criação ao nível da acção e do próprio discurso. Não se trata tanto, em minha opinião, de um texto sobre o teatro, mas sobre a criação de uma peça, o processo de escrita e ao mesmo tempo uma interrogação/problematização do estatuto dos principais intervenientes no processo teatral.

[...]

Se se trata de uma espécie de metateatro no sentido mais abrangente da palavra, uma reflexão sob a forma de serena inquietação sobre a essência do mesmo e sobre a natureza dos seus intervenientes, há que prová-lo.

[...]

Tudo se aproveita neste teatro que faz gala em recusar o monolitismo: gozo e tragédia, janelas que fazem de portas, portas que não existem e fazem de portas de cenário, peças inacabadas são integradas na acção, numa perspectiva ecológico-literária em que tudo se recicla. Atitude verdadeiramente pós-moderna.

RISOLETA PINTO PEDRO

A editora manifesta o seu vivo agradecimento à escritora Risoleta Pinto Pedro (que acompanhou todo o processo de gestação da peça *Uma Questão de Tempo*, relatando-o criativa e pessoalmente) por ter autorizado a publicação dos excertos acima reproduzidos. Para a consulta da fonte na íntegra, v. Risoleta Pinto Pedro, «O Teatro é como as Cerejas», in Jaime Salazar Sampaio, *Uma Questão de Tempo*, Lisboa, Coleção Dramaturgia, Hugin Editores, 1999, pp. 89-144.